

O CORPO ERÓTICO NAS POESIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Patrícia de Paula Aniceto*

RESUMO: Este estudo busca analisar o corpo erótico nos poemas de Conceição Evaristo. Têm-se como ponto de partida e suporte teórico para esta pesquisa os textos de Michel Foucault, Elódia Xavier, Georges Bataille e Lucia Castello Branco. Para tanto, recorrer-se-á a outros autores sem, no entanto, esgotar todas as possibilidades de investigação crítica. Conclui-se por meio desse percurso reflexivo que o erotismo e o homoerotismo manifestam-se no corpo do eu lírico fazendo com que ele experimente as sensações e as manifestações de desejo e de prazer.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Erotismo. Poesia.

O corpo como objeto de reflexão

Inúmeras obras abordam a temática do corpo. Essa ênfase é, portanto, bastante significativa, em Elódia Xavier, na obra *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino* (2007). Nela são estabelecidas dez categorias sobre o corpo: invisível, subalterno, disciplinado, imobilizado, envelhecido, refletido, violento, degradado, erotizado e liberado. Embora a análise de Xavier seja embasada em narrativas, essas categorias são facilmente aplicáveis às poesias de Conceição Evaristo.

Tomando como referência a referida obra de Xavier, observamos como a construção do corpo, em Conceição Evaristo, se dá de diferentes formas. Para tanto, no decorrer dessa análise procuramos identificá-las no corpo erotizado dos seus poemas sem, contudo, esgotar todas as possibilidades de leitura.

Gostaríamos de destacar que Octavio Paz estabelece uma profícua relação entre poesia e erotismo. Em suas palavras, ele declara que ambos “nascem dos sentidos, mas não terminam neles. Ao se soltarem, inventam configurações imaginárias – poemas e cerimônias” (PAZ, 1994, p. 14). Quando o poeta e ensaísta nos chama a atenção para a relevância dos sentidos na construção do erotismo, temos que admitir que o olhar é de fundamental importância para sua concretização. Poderíamos dizer, então, que ele principia o erotismo. Dessa forma, o diálogo entre o erótico e a poesia alcança uma dimensão maior. Nesse sentido, “o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal” (PAZ, 1994, p. 12).

Segundo Elódia Xavier (2007), o corpo erotizado é aquele que experimenta o prazer, as sensações e o erotismo. Nos poemas, isso se deve ao fato da voz lírica vivenciar a sexualidade e de representá-la não apenas como dor, mas também como possibilidade e manifestação de prazer.

Antes, porém, consideramos pertinente refletirmos sobre o corpo. Afinal de contas, apesar de nem todas as culturas considerarem o corpo como um elemento capaz de revelar a identidade dos sujeitos, em suas nuances, ele sempre foi o escopo de discussões suscitando inúmeras impressões a partir da representação da sua imagem e do seu espelhamento. E é por isso mesmo que ele é também matéria de debate das ciências humanas: da sociologia, da teologia, da antropologia, da literatura e da filosofia. Nessa última, Espinosa propôs a representação do corpo como um novo modelo a partir do questionamento: “o que pode o corpo?”. Inspirando-se nesse filósofo, Deleuze revisou tal pensamento e argumentou que “a estrutura de um corpo é a composição da sua conexão. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado” (2017, p. 240). A partir dessa concepção, Deleuze esclarece sobre a possibilidade de um corpo afetar ou de ser afetado por outros corpos. A esse respeito, o

* Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista PBPG da UFJF. Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Graduada em Letras: Português/Inglês pelo (CES/JF).
E-mail: patricianiceto@yahoo.com.br

filósofo evidencia que é esse poder quem define a individualidade do corpo (DELEUZE, 2002, p.128). Trazendo esse debate para as poesias de Conceição Evaristo, chamamos a atenção para esse diálogo de o corpo afetar e de ser afetado, pois a partir dessa possibilidade, percebemos que isso é uma recorrência em sua obra. Reconhecemos, portanto, a importância de sublinharmos o poder como elemento preponderante no limiar dessa discussão.

Ainda nessa ambiência, Deleuze pondera sobre as conseqüentes transformações que nos impossibilitam reconhecer o mesmo indivíduo no mesmo corpo após ter passado, circunstancialmente, pelo crescimento, pela doença e pela velhice. No que diz respeito a essas mudanças, ele elucida que “insensíveis ou bruscas, na conexão que caracteriza um corpo são também constatáveis no seu poder de ser afetado, como se poder e conexão gozassem de uma margem, de um limite, no qual se formam e deformam” (DELEUZE, 2017, p. 246-247).

É interessante também realçarmos, aqui, a vulnerabilidade do corpo no instante em que ele é exposto às ações do tempo. Em entrevista concedida à Denise Bernuzzi de Sant’Anna, George Vigarello, especialista em história das imagens e práticas corporais, percebemos o corpo como um arquivo que abriga em si a inscrição de uma memória social, histórica e geográfica (2000, p. 225). Sendo arquivo e reflexo, é importante não nos esquecermos de que, paradoxalmente, o corpo revela, e também esconde (VIGARELLO, 2000, p. 225). Mais do que entendido como uma espécie de arquivo, o corpo apresenta uma multiplicidade que confere a ele inúmeras finalidades. Nesse sentido, o especialista francês destaca que

o corpo não é algo unificado. [...] O corpo é um objeto múltiplo, que pode representar dimensões bastante diferentes da vida, tais como a sensibilidade, a expressão ou uma verdadeira mecânica ligada ao trabalho. Ele evoca numerosas imagens, sugere múltiplas possibilidades de conhecimento. Além disso, o corpo é sempre algo inabarcável. Todavia, desde que se saiba ele não é um objeto homogêneo, é importante estudá-lo pois, em muitos casos, é por meio dele que nós revelamos como o mundo é construído (VIGARELLO, 2000, p. 229).

Como já vimos, o corpo pode tanto afetar quanto ser afetado. Para tanto, existe uma força de poder capaz de motivar essas pulsões. Evidentemente, isso faz com que ele adquira características plurais e representações múltiplas.

Como podemos perceber, na sua essência, o corpo pode conferir um novo significado ao sujeito, uma vez que ele pode ir muito além da materialidade biológica. Isso equivale a dizermos que ele pode ser afetado, mas também moldado por fatores externos e internos que, incisivamente, podem modelá-lo, modificá-lo e transformá-lo na subjetividade e no reflexo da própria imagem. Com efeito, diante do exposto, a relação de afeto contribuirá no processo de sua própria ressignificação do corpo.

Nessa mesma direção, a filósofa Judith Butler, ao tecer uma análise minuciosa sobre o corpo, reconhece que “as pessoas não são seus corpos, mas fazem seus corpos” (2019, p. 216). Dessa forma, temos que reconhecer, portanto, a noção de que de que o corpo está em construção e em devir.

Gostaríamos de sublinhar que, ao avançar na percepção do corpo, a filósofa defende o ponto de vista de que ele está além de ser um espaço que abriga uma individualidade. Isso porque, para ela, há um nós e não apenas um eu na construção do corpo (BUTLER, 2019, p. 216). Em consonância com esse pensamento, o antropólogo David Le Breton nos diz que “o corpo constitui um alter ego, um duplo, um outro si mesmo, mas disponível a todas as modificações” (2013, p. 28). A partir desse duplo aspecto da existência corporal e em face dessa noção de afeto, pressupomos que é na relação de alteridade que o corpo negro será afetado e, da mesma maneira afetará também outros corpos sem, contudo, deixar de impedir que sua individualidade seja constantemente ameaçada. Até porque, estruturalmente, o corpo mergulha em experiências coletivas que, inevitavelmente, lhes são frequentemente incorporadas.

Outro ponto bastante relevante e, particularmente, representativo nas poesias de Conceição Evaristo é o corpo expressando o erotismo, a sensualidade e o desejo em suas obras. Sobre a presença do erotismo na literatura, genuinamente, Bataille compara o erotismo à poesia. Segundo ele,

a poesia conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade: a poesia é *l'éternité*. *C'est la mer allée avec le soleil* (1987, p. 18, grifos do autor).

Assim, quando Bataille cita os versos de Arthur Rimbaud, através das imagens, ele nos elucida acerca da fusão de “objetos distintos” tão presentes no erotismo quanto na poesia. Nesse sentido, temos que ficar atentos a essa fusão que pode ocorrer de maneira sutil, mas sempre em corpos distintos e em uma relação alteritária.

Gostaríamos de sublinhar que Lucia Castello Branco distingue a produção pornográfica da erótica. Para tanto, ela observa que essa última “em contraposição à produção pornográfica poderia ser batizada de *erografia* (a escrita de Eros), vai funcionar sobretudo como elemento questionador e denunciador da hipocrisia, da tirania e da miséria social (e sexual) em que vivemos” (2004, p. 57, grifos da autora). Notamos, portanto, que o erotismo é orientado por uma pulsão e que, no bojo da sexualidade, ele pode propor uma representação e um questionamento que vão muito além do desejo e do ato sexual.

Trazendo essa proposição para os poemas de Conceição Evaristo, mais adiante, em “Coisa de pertença”, veremos como a *erografia*, ou seja, “a escrita de Eros” pode se manifestar. Cumpre também esclarecermos que, aqui, optamos por investigar o corpo feminino negro que, na estrutura patriarcal, ao sofrer as injunções do poder, foi estigmatizado como objeto, mercadoria, animalizado, coisificado e, portanto, entendido como um *locus* de abjeção e de estereótipos. Nesse sentido, o corpo também pode ser reconhecido como objeto de desejo que, como explica Bataille, “é diferente do erotismo. Não é todo o erotismo, mas é atravessado por ele” (1987, p. 95). Tem-se, portanto, em Conceição Evaristo o erotismo entrecortando o corpo. Quando questionada sobre a presença do erotismo e do homoerotismo, em suas obras, a poeta nos revela que

talvez o erotismo e o homoerotismo não sejam muito perceptíveis nos meus textos porque, quem sabe os leitores e mesmo pesquisadores vão para esses textos, notadamente, procurando ler textos que girem em torno da questão social, da questão racial, da problemática do coletivo. E talvez haja uma pouca percepção da subjetividade dos personagens ou da subjetividade do eu lírico em se tratando de poesia. E também porque, quando os meus textos que trazem o erotismo e o homoerotismo, é uma linguagem também muito cuidada, quero dizer, não é uma linguagem explícita. É preciso, às vezes, prestar atenção ao texto. [...] Acho que o erotismo, o homoerotismo, tenho falado muito, né, a pulsão sexual, ela é uma pulsão de vida, como a pulsão do afeto, a busca pelo afeto, é uma pulsão de vida. Então, eu gosto de tratar desses temas com muito cuidado para não criar personagens vulgarizadas, estereotipadas (EVARISTO, 2020, p. 15).

Como podemos perceber, a manifestação erótica e homoerótica em Evaristo ocorre genuinamente e, na maioria das vezes, de maneira implícita e metafórica. Essa pulverização do erótico nos induz, portanto, a refletirmos sobre ele, especificamente, na literatura.

O erotismo e o poder no corpo e no *corpus* literário

Na sociedade, o erotismo disputa espaço com uma corrente antierótica que busca tolir as manifestações do desejo, do erotismo e do homoerotismo. A esse rigor, cumpre ressaltarmos

que, desde sempre, as estruturas rígidas de poder influenciaram e contribuíram veementemente para o fortalecimento desse pensamento. A exemplo, Octavio Paz observa que “em todas as religiões e civilizações a imagem humana sempre foi venerada como sagrada e por isso, em algumas, era proibida a representação do corpo” (1994, p. 143).

Comumente, encontramos o erotismo associado à pornografia e, na maioria das vezes, sem que haja distinção entre eles. Não ignoramos, portanto, que tal fato contribua para que o erotismo seja compreendido de maneira negativa, suscitando juízos e valores moralizantes.

Do mesmo modo, o homossexualismo ainda representa um tabu por parte da sociedade. Entretanto, se pensarmos nele a partir do sistema interseccional, veremos que a mulher negra sofre uma opressão muito maior do que os homens (brancos e negros) e mulheres brancas. Nesse sentido, é importante sinalizarmos os possíveis conflitos inerentes à diferença até mesmo dentro do mesmo grupo étnico. Sobre esse aspecto, Audre Lorde evidencia que “as diferenças existentes entre mulheres negras também são deturpadas usadas para nos separar uma das outras” (2019, p. 149). Nesse sentido, Lorde nos alerta pra o fato de que “embora elementos dessas atitudes existam para todas as mulheres, há ressonâncias da heteronormatividade e da homofobia que são específicas entre as mulheres negras” (2019, p. 150).

Trazendo esse debate para o âmbito político, veremos que ele ganha uma proporção muito maior. Isso se deve ao fato de, em determinado momento, as mulheres homossexuais estarem se aproximando dos homens heterossexuais e homossexuais (negros e brancos), bem como das mulheres brancas e das mulheres homossexuais. Nessa percepção deturpada, isso equivale a dizermos que as mulheres negras homossexuais podem ser, então, compreendidas como neutras dentro dos movimentos e, conseqüentemente, responsáveis pelo enfraquecimento dos propósitos iniciais dele. Em contrapartida, é necessário refletirmos, portanto, que tal postura traz conseqüências seriíssimas, como por exemplo, medo e solidão. Para tanto, Audre Lorde destaca que “o medo que sentem das lésbicas, ou de serem tachadas de lésbicas, tem levado muitas mulheres negras a deporem contra si mesmas. Tem levado algumas de nós a fazer alianças destrutivas, e outras ao desespero e ao isolamento” (2019, p. 150). Coadunando com esse pensamento, Collins declara que “para a mulheres negras que já são vistas como o Outro em virtude de raça e gênero – , a ameaça do rótulo de lésbicas tem efeitos negativos sobre a maneira como as mulheres negras se veem e se relacionam umas com as outras” (2019, p. 282).

Ainda em consonância com essa concepção, no contexto das mulheres afro-americanas, Collins observa a questão da homofobia e analisa que

mulheres negras que antes insistiam que o lesbianismo era um problema das mulheres brancas agora argumentam que as lésbicas negras são uma ameaça à nação negra, estão de conluio com o inimigo, são basicamente não-negras. Essas acusações, vindas das mesmas mulheres a quem procuramos em busca de uma compreensão real e profunda, têm feito com que muitas lésbicas negras se escondam, encurraladas entre o racismo das brancas e a homofobia de suas irmãs (p. 151).

Muito provavelmente, esse é um ponto que deve ser revisto e analisado nos movimentos sociais, a fim de fortalecer e de unificar mais ainda os grupos étnicos sem, contudo, fragmentá-los.

Em *O que é erotismo* (2004), Lucia Castello Branco explica que o vocábulo pornografia vem “do grego *pornos* (prostituta) + *grafo* (escrever), o termo *pornografia* designa a escrita da prostituição. [...] Essa ideia de comércio é encontrada já na palavra *pornos*, derivada do verbo *pernemi*, que significa vender” (p. 22). Outro ponto significativo observado por Branco nos elucida que

a pornografia insiste sobretudo em comportamentos que reforcem a mutilação e a solidão dos indivíduos. São frequentes, em obras pornográficas, as formas de prazer

solitário [...], as relações exclusivamente sexuais, que de preferência não contenham nenhuma carga de amor ou de afeto (2004, p. 27).

É também desse comportamento que surgem, na teia social e religiosa, as reprovações, as recriminações e, até mesmo, a censura em relação à pornografia. Nessa mesma reflexão, Paz a complementa e nos diz que a pornografia poderia ser, então, considerada uma espécie de subversão e de “transgressão dessas crenças e proibições” (1994, p. 143).

É aqui, portanto, que reside a grande diferença entre a pornografia e o erotismo. Esse último surge em consequência da fusão de Eros e de Thanatos. Entretanto, ambos abarcam um impulso, na perspectiva de Freud. Nesse sentido, essas forças representam na figura de Eros o impulso de vida e em Thanatos o impulso de morte. É importante sublinharmos tais aspectos para que possamos compreender melhor que o erotismo é, por conseguinte, a fusão dessas forças.

Nesse contexto, consideramos relevante recorrermos mais uma vez ao Georges Bataille. Para tanto, indiretamente, ele também embasa sua análise a partir dos mitos Eros e Thanatos, no que diz respeito à articulação entre a vida e a morte. Isso porque, ele acredita que essas forças estão contidas no erotismo exercendo fundamental influência sobre ele.

Mediante a toda essa situação, Bataille defende o caráter distinto dos indivíduos. Todavia, acredita no desejo do sujeito em dar continuidade a sua vida que, certamente, findará. Nesse sentido, ele observa que a possibilidade de fusão dos corpos “acaba por revelar a continuidade fundamental: nela parece que a continuidade perdida pode ser reencontrada” (BATAILLE, 1987, p. 65). Desse modo, cumpre ressaltarmos que “o sentido último do erotismo é a fusão” (BATAILLE, 1987, p. 85). Contudo, esse estado é repentino e não pode ser prolongado por muito tempo. Afinal de contas, Bataille acredita que apenas a distinção dos indivíduos, essa sim, permanecerá.

O erotismo na literatura de autoria negra

No artigo “A poesia erótica nos Cadernos negros”, Luiz Silva (Cutí) observa que, na literatura brasileira, o erotismo “tomou as feições derivadas da ‘moral e bons costumes’ do ‘faça o que eu digo mas não faça o que eu faço’” (2015, p. 271, grifos do autor). É interessante notarmos que Cutí toca numa questão bastante sensível no que diz respeito ao corpo negro: o poder.

A essa altura, pensarmos nas relações de poder nos leva também a crer, uma vez mais, que “a uns foi dado todo o poder e que aos outros este lhes foi negado” (PIZA, 2019, p. 71). No *corpus* da literatura de autoria negra, isso se torna bastante evidente. De certo modo, essa é, sem dúvida, uma das formas que os detentores do poder encontram para exercer o controle, o domínio e a repressão. Não por acaso, sobretudo quando se fala em literatura de autoria negra e erótica.

A esse respeito, Lucia Castello Branco nos afirma que “seria de se esperar que os mecanismos de poder tentassem sufocar o erotismo, regulamentar a sexualidade, varrer da literatura os corpos nus, vestindo-os com palavras de bom tom e figurinos de bom gosto” (1985, p. 19). Analisando esse aspecto pelo viés da militância, Cutí admite, portanto, que o Movimento Negro se posicionou de maneira puritana e indiferente à sexualidade “não enxergando em sua análise do racismo, a não ser como denúncia à ‘exploração sexual da mulher negra’” (SILVA, 2015, p. 273, grifo do autor). Por meio da compreensão que temos do corpo, por outro lado, Cutí sinaliza a vertente da produção da poesia negra quando afirma que

a história e a dominação cotidiana marcaram o corpo como objeto de uso do branco. A via erótica da poesia negra atua no sentido da ruptura com essa continuidade e de outras formas de repressão física e psicológica. Na volúpia revela o seu poder de

seduzir. Reconhecer nos órgãos esta capacidade é redirecionar e reavaliar hábitos e costumes (SILVA, 2015, p. 274).

Há, portanto, outra questão pontuada por Cuti que também gostaríamos de assinalar, e que não pode deixar de ser incluída nesse debate sobre a violência e o erotismo na poesia negra: “miséria significa também ausência de prazer, incluindo aqui o sexual” (SILVA, 2015, p. 277, grifos do autor). Para ilustrarmos tal assertiva, chamamos a atenção para o poema “Coisa de pertença”. Nele, Conceição Evaristo apresenta a crítica à violência contra a mulher e o desamparo que, sem dúvida, denotam a vulnerabilidade feminina:

Quando a mulher boquiaberta
engoliu a bala que lhe arrebentou
o último fio de seu desamparo,
o homem, o seu,
– aliás, título inverso de propriedade,
pois era ele quem a considerava
como coisa de pertença,-
pegou a segunda arma
decependo-lhe o corpo,
enquanto calmamente dizia:
quem come a carne, corta os ossos (2017, p. 118).

Notadamente, nesse poema, a mulher é reconhecida como objeto de pertencimento do homem. Desse modo, a violência, aqui, se apresenta de forma gradativa e, com efeito, torna o corpo degradado que, na perspectiva de Elódia Xavier (2007), poderia ser assim denominado, uma vez que ele tem a dignidade humana destruída. Outro ponto significativo diz respeito à sensação de desamparo e de solidão que afeta a subjetividade da mulher negra. Sobre esse aspecto, bell hooks observa que “o medo de ficar sozinha, ou de não ser amada, já levou mulheres de todas as raças a aceitar passivamente o sexismo e a opressão sexista” (2019, p. 289-290). Em outro momento, ela destaca que

nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor (hooks, 2006, p. 189).

Por sua vez, coadunando com esse mesmo pensamento, na obra *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (2014), Pierre Bourdieu observa que

uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (p. 12).

A dominação do patriarcado é, sem dúvida, responsável por grande parte dessa violência física e simbólica instituída historicamente sobre o corpo da mulher que, socialmente e culturalmente, por muito tempo, pertenceu ao homem. Desvencilhar-se dessa construção equivocada representa, ainda hoje, um grande desafio. Nesse sentido, Lucia Castelo Branco declara que

a força de Thanatos revela-se também na posse amorosa que desemboca, com frequência [sic], nas manifestações violentas dos chamados crimes “por amor”, ou do

suicídio. Os amantes, quando se deparam com a impossibilidade da posse real do ser amado, terminam, muitas vezes, por preferir sua morte à sua perda (1985, p. 63).

Retomando o poema de Evaristo, fica bastante evidente a relação conflituosa entre o amor e o ódio que, sem dúvida, é capaz de alcançar a extremidade da morte. A mulher é, então, vítima do sentimento de pertença do seu provável companheiro. Entretanto, é somente nos últimos versos do poema que culmina na fatalidade de uma cena tão cotidiana: o corpo feminino decepado.

Ainda na perspectiva de Bourdieu, é importante percebermos mais detidamente que, na experiência do corpo, se por um lado o homem representa a virilidade, por outro lado a mulher é o reflexo da vulnerabilidade e vítima, portanto, da dominação masculina. No final do poema, pelo desequilíbrio e pelas atitudes do homem, ele pode ser comparado a um animal “que come a carne” humana.

Diante da *erografia*, a atmosfera violenta revela o apelo de Evaristo em virtude dessas questões percebidas no poema que, de certa forma, apresentam-se como um contraponto positivo na efetivação da denúncia desse universo de experiências e conflitos que assolam muitos segmentos da sociedade brasileira e, principalmente, o *ethos* da mulher negra.

Chamamos, mais uma vez, a atenção para o fato de que o corpo apresenta qualidades estéticas constituintes das experiências e das relações entre a cultura e as normas sociais. Podemos pensar, então, que a partir da relação de alteridade com o Outro é possível percebermos, por exemplo, o efeito que a experiência estética possui sobre o aspecto corporal revelando os papéis desempenhados pelo corpo feminino negro.

Assim, o que notamos é que ainda há uma regulação e uma subjugação do corpo negro feminino. Conforme atesta Foucault, há um biopoder que regula o sujeito. Dessa forma, compreendemos que o controle exercido sobre o corpo feminino negro além de reprimi-lo, provoca a subalternização e a subserviência.

Retomando o poema “Coisa de pertença”, temos ao lado do desejo de continuidade o desejo de morte. Desse modo, depreendemos um embate entre Eros e Thanatos. Ainda que a voz lírica esteja utilizando um eufemismo para retratar a morte, é importante não nos esquecermos de que

medo e fascinação, atração e repulsão, constituem-se, portanto, em elementos que estarão eternamente em jogo no processo do erotismo, já que este engendra os mecanismos básicos e opostos de vida e morte. A força de Thanatos revela-se também na posse amorosa que desemboca, com frequência, nas manifestações violentas dos chamados crimes ‘por amor’, ou do suicídio. Os amantes, quando se deparam com a impossibilidade da posse real do ser amado, terminam, muitas vezes, por preferir sua morte à sua perda (BRANCO, 1985, p. 63, grifos da autora).

No poema, é bastante nítido o intertexto com o provérbio popular “quem como a carne que roa também os ossos”. Embora modalizado, ele possibilita a construção da imagem que irá de certa forma sustentar a relação entre o amor e a morte. Ora, uma vez mais, chamamos a atenção para o fato de o sujeito libertino comer a carne da mulher e de algum modo selar o destino dela. Essa expressão erótica pode ser compreendida no sentido metafórico, expressando o ato sexual violento, seguido do comportamento canibalístico. Consequentemente, o ato sexual sádico anula o corpo da mulher que passa, então, a ser percebido apenas como um objeto erótico, nesse poema.

O erotismo como afeto

Gostaríamos de destacar a manifestação do erotismo como forma de afeto, na obra de Conceição Evaristo. Afinal de contas, em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008),

a voz lírica indaga: “Quem disse que o amor é só dor?” (p. 62). Assim podemos identificar em Evaristo uma subversão da imagem do corpo da mulher que passa a ser percebido por um viés positivo que permite a ela a escolha sexual, bem como o domínio sobre o próprio corpo.

Segundo Mirian Santos, “a proposta de representar o corpo negro de forma humanizada exige revisitar histórias das diferenças racial e social” (2018, p. 198). Quando Evaristo opta por essa representação do corpo feminino negro, ela o faz visando o afeto e a cura para subverter as diferenças. Para tanto, o amor é essencialmente o elemento fundamental para a concretização desse processo que é, predominantemente, representado pela pulsão de Eros.

Nesse ponto, ao observar as consequências da escravidão e da opressão, no artigo “Vivendo de amor”, bell hooks acentua a importância do amor na vida das mulheres negras. Desse modo, ela valoriza a vida interior que abarca em seu seio as emoções e sentimentos (2006, p. 195). Para tanto, ela acredita que “as mulheres negras continuam lutando para reconhecer sua dor e encontrar formas de curá-la. Aprender a amar é uma forma de encontrar a cura” (HOOKS, p. 198). Seguindo essa concepção, hooks complementa seu pensamento assumindo que

quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (2006, p. 198).

Por essa via, falar de amor pode significar também um ato político. Dessa forma, ler os poemas de Evaristo a partir desse olhar nos faz perceber o amor como parte também do cotidiano das mulheres negras e compreender que seus corpos podem estar dissociados das imagens de objetificação, de abjetificação, de ódio e de violência que, constantemente, estão atreladas às mulheres negras na literatura.

Para corroborarmos tal concepção, gostaríamos de salientar que a construção do erótico como forma de poder fica bastante evidente também em Audre Lorde quando ela reflete sobre a importância de sua origem que, para ela, “tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados” (2019, p. 67).

Segundo Elódia Xavier (2007), o corpo erotizado é aquele que experimenta o prazer, as sensações e o erotismo. Como já observamos, nos poemas de Conceição Evaristo, isso se deve ao fato da voz lírica vivenciar a sexualidade e de representá-la não apenas como dor, mas também como possibilidade e manifestação de prazer. Para tanto, bell hooks assinala que

várias pessoas têm dificuldade em apreciar mulheres negras da maneira que somos, porque querem impor uma identidade a nós, baseada em vários estereótipos negativos. Esforços difundidos para continuar a desvalorização da mulheridade negra torna extremamente difícil, e muitas vezes impossível, para mulheres negras, desenvolver um autoconceito positivo (2019, p. 144).

Nesse sentido, a poesia de Conceição Evaristo vem contribuir para esse aspecto positivo em relação à mulher negra. Genuinamente, ela o faz através do erótico que, sem dúvida, revela também as características de um corpo livre para sentir prazer e experimentar o erotismo.

Uma vez mais, encontramos respaldo em Audre Lorde que, ao relatar sua experiência de mulher negra com o erótico, nos declara que: “eu me torno menos disposta a aceitar a impotência, ou aqueles outros estados do ser que nos são impostos e que não são inerentes a mim, tais como a resignação, o desespero, o autoapagamento, a depressão e a autonegação” (2019, p. 73). Desse modo, Lorde acentua a importância de compartilharmos a experiência

erótica e de legitimarmos nosso poder. De certo modo, ela nos aponta a urgência de dominarmos nossos próprios corpos que, por tanto tempo, foram violados e abusados sexualmente.

Constatamos que, movido por uma espécie de pulsão, é no espaço corporal do sujeito lírico que o desejo acontece. Entretanto, é possível percebermos que ele é, então, provocado pelo Outro, ou seja, há que se considerar também a relação alteritária entre os sujeitos que irá incidir no vínculo de dependência entre eles.

Na relação entre o eu e o Outro, percebemos a importância da presença de dois corpos para que haja, de fato, a concretização do desejo. Isso equivale a dizermos que o erotismo requer a intersubjetividade. Entretanto, Octavio Paz nos assegura que “o erotismo é singular” (1994, p. 190). Ademais, ele o define também como interpessoal. Desse modo, fica bastante evidente que ele só acontece a partir da atração de um corpo por outro corpo.

Outro ponto a ser observado é que, no encontro erótico, é necessário que haja reciprocidade entre os dois corpos. Afinal de contas, “a sensação se converte em afeto, sentimento e paixão. O elemento afetivo nasce do corpo, mas é alguma coisa mais do que atração física” (PAZ, 1994, p. 153). Por sua vez, a voz lírica do poema “Do fogo que em mim arde” já admite no título do poema o seu desejo:

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
o desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
É este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu (2017, p. 81).

Pela estratégia de escolha da imagem do fogo, o desejo é tão somente representado por ele de maneira metafórica. No entanto, esse elemento figura a imagem do Outro que pode também ser entendido, simbolicamente, como o fogo que alimenta a escrita. Seguindo essa linha de raciocínio, compreendemos que apesar da pulsão erótica, não estamos apenas diante de um desejo e de um fogo profano, mas de um elemento sagrado, capaz de cunhar a escrita e a face do eu lírico.

Já no título do poema “M e M”, percebemos o tom misterioso expresso nas iniciais de dois possíveis nomes. Entretanto, no decorrer dos versos, percebemos a presença do homoerotismo manifestando-se através das figuras femininas “Maria e Maria”.

Chamamos, portanto, a atenção para o fato de que o homoerotismo é também percebido como uma manifestação de afeto nas relações sociais, bem como uma forma de resistência. Dentro do contexto das mulheres afro-americanas, Patricia Hill Collins vai nos dizer que o ato de resistir à opressão “politiza o amor e o retira do lugar individualizado e banalizado que ocupa hoje. Relações afetivas autodefinidas e publicamente expressas entre mulheres negras – tenham elas expressão sexual ou não – são uma forma de resistência” (2019, p. 287). Nesse sentido, concordamos com essa assertiva de Collins que, certamente, coaduna com o ativismo de

Conceição Evaristo no âmbito literário. Desse modo, acreditamos que tal pensamento possa ser aplicado também nesse poema de Evaristo.

Nos olhos o fogo e o afago
denunciam desejos,
labaredas cozinham
pacientemente a espera.

A mulher ficou-se
e na quietude
encontrou a sua nova veste
que suavemente se desfaz
em corpos iguais
que se roçam.

Maria e Maria,
espelho único,
onde a outra face
é ela e ela (2017, p. 72).

Inicialmente, gostaríamos de salientar a importância do olhar que aparece no 1º verso do poema: “Nos olhos o fogo e o afago”. É no olhar que encontramos a imagem do fogo que, aqui, pode ser entendida como a chama do desejo profano. Além disso, chamamos a atenção para a aliteração nos vocábulos “fogo / afago”, “Maria / Maria”, “ela / ela”. Em seguida, percebemos também que o eu lírico utiliza a repetição de letras e de palavras: “M e M”, “Maria e Maria” e “ela e ela” no intuito de apresentar, ainda que veladamente, a semelhança entre os corpos, bem como sinalizar uma espécie de espelhamento entre os jogos de palavras. A esse respeito, Patricia Hill Collins nos explica que “quando as mulheres negras aprendem a sustentar novos ‘espelhos’ umas para as outras, nos quais possamos nos ver e nos amar pelo que realmente somos, novas possibilidades de empoderamento por meio do amor profundo podem emergir” (2019, p. 281). Desse modo, a voz lírica delineia um encontro afetivo e, ao mesmo tempo, homoerótico entre os corpos das Marias.

Isso posto, podemos identificar a potencialidade das relações afetivas que, de certo modo, desestabilizam as categorias convencionais que acreditam apenas nas relações binárias formadas apenas pelos pares homem/mulher, bem como ameaçam “aos sistemas de opressão interseccionais” (COLLINS, 2019, p. 283).

Para terminar, gostaríamos de salientar que, ao subverter esses sistemas, o erótico, o homoerotismo e o amor dão a tônica na poesia de Conceição Evaristo. Por conseguinte, a poeta busca subverter os mecanismos de poder e de opressão, bem como ressignificar o corpo feminino negro através do afeto político.

Considerações finais

Fica evidente, portanto, as particularidades e a maneira como as vozes líricas confluem para o erotismo que se manifesta no corpo e insurge perante os efeitos do poder e da diferença sem, contudo, deixar de apresentar a relevância da escuta alteritária que é, essencialmente, capaz de revelar os desejos mais íntimos dessas subjetividades.

Nos poemas de Conceição Evaristo, o erotismo e o homoerotismo podem ser entendidos pelo viés de uma política que tenta romper com o poder autoritário sobre o corpo e que, de certa forma, busca reprimir o erotismo e o homoerotismo.

Apesar da manifestação violenta em “Coisa de pertença”, em “Do fogo que em mim arde” e em “M e M” encontramos a experiência afetiva. Nesses dois últimos poemas, Evaristo consegue romper com o pensamento binário e, deixar assim, que se manifeste o afeto politizado.

Por fim, Evaristo busca pulverizar a dor e, através do amor e da literatura, tenta curá-la. Assim, ao considerar o corpo como espaço de construções e de relações de afeto, Evaristo desenvolve um processo de cura ao romper com os estereótipos negativos e, desse modo, recria outras subjetividades para o corpo feminino negro que historicamente é atravessado e afetado por tantas violências físicas e simbólicas.

EROTIC BODY IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S POETRY

ABSTRACT: This study aims at analyzing the erotic body in Conceição Evaristo's poetry. As a starting point and theoretical support for this research, we examine texts by Michel Foucault, Elódia Xavier, Georges Bataille, and Lucia Castello Branco. Therefore we discuss other authors without ending all possibilities of critical investigation. We have concluded through reflexive attitude that erotism and homoeroticism are present in the speaker's body making him/her experience sensations and manifestations of desire and pleasure.

Keywords: Conceição Evaristo. Erotism. Poetry.

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRANCO, Lucia Castello. *O que é o erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

BRETON, David Le. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. Tradução Veronica Daminelli; Daniel Françoli. São Paulo: N-1; Crocodilo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. As relações afetivas das mulheres negras. In: _____. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamilyne Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 255-290.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Tradução GT Deleuze. São Paulo: 34, 2017.

_____. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

EVARISTO, Conceição. Se me inspiro nas pessoas do povo, como devolver essa literatura? [Entrevista cedida a] Marisa Loures. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, ano XL, n. 8452, 9 set. 2020. Sala de leitura, p. 15.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017; Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

_____. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006. p. 188-198.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. In: _____. *Irmã outsider*. Tradução Stephaine Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 62-74.

PAZ, Octavio. *A dupla chama*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 59-90.

SANTOS, Mirian. Políticas do corpo na prosa de Cristiane Sobral. In: _____. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 159-226.

SILVA, Luiz (Cutí). Poesia erótica nos Cadernos negros. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 269-284.

VIGARELLO, George. O corpo inscrito na história: imagens de um “arquivo vivo”. [Entrevista cedida a] Denise Bernuzzi de Sant’Anna. *Projeto História*. São Paulo, v. 21, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10769/8001>. Acesso em: 10 abr. 2019.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

Data de submissão: 30/09/2020.

Data de aceite: 16/11/2020.